

Fernando Molica

PMs fizeram o que muitos querem

Ao atirarem na cirurgia Andrea Marins Dias, de 61 anos, policiais militares cumpriram desejos de boa parte da sociedade e de governantes: miraram num carro dirigido por uma pessoa negra e que, para eles, parecia suspeito.

Vale lembrar: em dezembro passado, a Assembleia Legislativa do Rio transformou em lei projeto que criou a chamada gratificação faroeste, bônus para premiar policiais civis que mataram supostos criminosos.

A operação de outubro passado nos complexos do Alemão e da Penha que terminou com 122 mortos, entre eles, quatro policiais, contou com o aplauso da grande maioria da população, apesar de sua evidente inutilidade — ou será que alguém aí acha que a paz foi restabelecida naquelas favelas, que assim deixaram de ser dominadas pelo crime?

O caso da dra. Andrea só mereceu destaque porque a vítima foi uma mulher, médica. Se fosse um homem negro, jovem, pobre, de baixa escolaridade, talvez o caso sequer virasse notícia. Em caso de registro em programas que respaldam e incentivam a violência policial, é até provável seu nome fosse citado ao lado da palavra “envolvido”.

A frase “Vai morrer, irmão, desce!”, que teria sido dita por um PM à médica já baleada, indica que ela foi confundida com um homem: era noite e, pelas fotos, Andrea não usava cabelos compridos. Na visão dos policiais, ela seria mais um silva que, no boletim de ocorrência, acabaria apresentado como autor de uma injusta agressão aos homens da lei.

As primeiras descrições do caso assustam pela forma com que traduzem a banalização de ações policiais violentas. Os

PMs teriam sido alertados por um pedestre de que homens num Corolla Cross faziam assaltos na região. Isso foi suficiente para que eles desencadeassem busca por ruas de Cascadura, subúrbio carioca — certamente não agiriam da mesma forma se estivessem no Leblon ou Ipanema.

Foi com base no tal alerta de um cidadão que os policiais teriam identificado carros suspeitos e iniciado uma perseguição que terminaria com tiros, morte de Andrea.

Apenas a certeza do respaldo político e social e a quase garantia de impunidade permitem que agentes públicos atuem dessa forma. Os PMs jamais cometeriam essa provável sequência de absurdos se não contassem com os aplausos de muita gente, inclusive de autoridades. Alardeada por tantos políticos, a lógica do pega-mata-come cria uma falsa sensação de combater ao crime e ajuda a disseminar mais violência,

a gerar mais vítimas.

A tolerância com a violência policial não deve, porém, servir de atenuante para os PMs que mataram Andrea, eles têm que ser julgados com severidade, para que se faça justiça, para que vidas sejam poupadas. Mas o episódio deveria ser capaz de gerar alguma reflexão por parte de cidadãos que ajudam a apertar o gatilho das armas que matam tanta gente.

É compreensível que tenhamos medo da violência, de andar pelas ruas. Mas não é razoável insistir num tipo de combate que, ao longo de décadas, prova ser cruel, racista e ineficiente. Pior, serve apenas de biombo para o crime — é só ver o que aconteceu nos últimos meses com alguns deputados estaduais, homens que faziam coro à política do extermínio. O grito “Vai morrer, irmão” foi sugerido por muita gente nos ouvidos dos PMs que mantaram Andrea.

Tales Faria

Será Vorcaro um Epstein?

O grande assunto de bastidores no Congresso Nacional é se a “Caixa de Pandora” das conversas nos celulares de Daniel Vorcaro, além de todos os problemas políticos que deve trazer, também guarda segredos apimentados do poder.

Vale lembrar: a Caixa de Pandora é um mito grego sobre a primeira mulher, Pandora, criada por Zeus para punir a humanidade. Ela recebeu uma caixa (ou jarro) com a ordem de nunca abrir. Curiosa, Pandora abriu a caixa e libertou todos os males do mundo, como doenças, guerra e fome.

A curiosidade sobre os segredos de Vorcaro passa pelo seguinte: será que o dono do Banco Master é apenas um banqueiro envolvido na política, ou será que se aproveitou da proximidade com poderosos, como o financista norte-americano Jeffrey Epstein, para obter segredos que lhe valeriam milhões?

Epstein cultivou um círculo social de elite que levava para festas em suas propriedades onde, soube-se depois, ocorriam festas regadas a encontros sexuais, muitas das quais o anfitrião filmava ou fotografava. Preso ele se suicidou. Algumas das imagens comprometedoras (poucas) foram divulgadas, envolvendo chefes de Estado e de governo dos EUA e outros países, incluindo famílias reais.

A desconfiança sobre quais segredos Vorcaro guardou correu como um rastilho de pólvora depois que cópias das trocas mensagens do banqueiro preso foram lacradas na sala-forte da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito pelo presidente da CPMI, senador Carlos Viana (Podemos-MG).

Para incrementar a boataria dos políticos, o ministro André Mendonça, do STF, determinou nesta segunda-feira, 16, o fechamento total da sala-forte.

Em algumas dessas das conversas que consta de seus celulares, por exemplo, segundo divulgou o site Metrôpoles, Vorcaro relatou à sua namorada, Martha Graeff, que participou de um encontro reservado com cerca de dez pessoas na casa de um ministro. Não foi divulgado o nome do ministro.

Noutra conversa com Martha revelada pelo UOL, Vorcaro revelaria ter comprado duas mansões em Miami somando R\$ 482 milhões. Além disso ele teria casas luxuosas de sua propriedade ou alugadas em Troncoso (BA) e outras cidades para as quais convidava autoridades de Brasília.

São inúmeros os boatos em Brasília de autoridades que frequentariam festas de Vorcaro. Sua suposta proximidade com o ex-presidente do Banco Central Roberto Campos Neto é explorada por parlamentares governistas. Até o gabinete do ministro do STF Alexandre de Moraes se viu obrigado a di-

vulgar uma nota negando que ele tenha frequentado a casa do banqueiro em Troncoso.

O fato é que Vorcaro tinha ligações tanto no governo como na oposição. Como a maioria dos integrantes da elite empresarial, teve encontros reservados com políticos de quase todos os partidos. Eventuais segredos sexuais que acaso existam em sua “Caixa de Pandora” pouco importam. O que importa é se há de fato falcaturas com dinheiro público e quem são os personagens nelas envolvidos.

Esse é o argumento — correto — usado por André Mendonça para trancar o acesso generalizado às mensagens de Vorcaro encontradas em seus celulares.

Políticos tentam, no entanto, usar detalhes apimentados contra seus adversários. Daí ter-se tentado convocar a namorada de Vorcaro, Martha Graeff, para depor na CPMI. Mas Mendonça vetou.

Beatriz Passos*

O degrau quebrado da liderança feminina

Os números mais recentes sobre liderança feminina no Brasil trazem um alerta que o mundo corporativo não pode ignorar.

Segundo dados divulgados pelo LinkedIn, embora as mulheres representem 45,2% da força de trabalho brasileira, elas ocupam apenas 32,2% dos cargos de decisão. O dado, por si só, já seria motivo de reflexão. Mas o ponto mais preocupante é que, depois de anos de avanço gradual, esse crescimento estagnou e, em alguns casos, começou a retroceder.

Em 2022, as contratações de mulheres para posições de liderança chegaram a 34,1%. Em 2025, esse índice caiu para 32,4%.

O fenômeno conhecido como “degrau quebrado” ajuda a explicar parte desse cenário. Enquanto a presença feminina em

cargos de entrada é de 47,8%, essa participação cai para 37% em posições plenas ou seniores e chega ao seu ponto mais baixo nas posições de Vice-Presidência, com apenas 22,3% de representação.

Esses números mostram algo importante: o desafio não está na formação de mulheres qualificadas. Elas já estão no mercado, ingressam nas empresas e demonstram capacidade técnica. O problema está na forma como as empresas promovem e definem o acesso às posições de liderança.

É justamente nesse ponto que processos consistentes de avaliação de desempenho, promoção, retenção e sucessão podem desempenhar um papel estratégico. Quando esses mecanismos são frágeis ou excessivamente subjetivos, vieses inconscientes tendem a influenciar as decisões.

Programas de desenvolvimento, trilhas de liderança e oportunidades abertas para quem tem competência, independentemente do gênero, são exemplos de ferramentas que fortalecem tanto a governança quanto a diversidade.

Um ponto que tem ganhado cada vez mais destaque no debate internacional é o papel do sponsorship. Mentoria é importante, mas muitas pesquisas mostram que carreiras avançam quando profissionais talentosas têm acesso a patrocinadores, líderes que garantem visibilidade, indicam nomes para projetos estratégicos e defendem essas pessoas nas mesas de decisão.

O dado mais positivo do estudo talvez esteja nas novas gerações. Entre profissionais da Geração Z, a presença feminina em cargos de liderança já é proporcionalmente maior

do que nas gerações anteriores, o que indica que a base da pirâmide começa a mudar.

Mas essa transformação não acontecerá de forma automática.

Ela depende de estruturas organizacionais conscientes, de governança ativa e de empresas que entendam que diversidade não é apenas uma questão de representatividade, é também uma ferramenta de inteligência estratégica e de boa governança.

Afinal, a diversidade melhora a qualidade das decisões. Mesas decisórias diversas analisam riscos e identificam oportunidades sob múltiplas perspectivas, construindo estratégias mais sólidas, capazes de gerar valor e longevidade para o negócio.

***Diretora jurídica global, head de compliance e gestão de riscos**